

Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA
Director — ABEL MONTEIRO



26\$00.
: Extr
mo d
tem o
não
olabu
licita

propriedade da Direcção / Editor: João da Cruz Rosa / Impressão: Tipografia Castelovidense, Castelo de Vide / Redacção e Administração: Largo do Dr. António José de Almeida NISA

TRIBUNA LIVRE

Comboio dos forçados

Há aspectos da vida lisboe-moderna que é preciso não conhecer. A bela cidade alinha que tem aumentado diglosamente em extensão, progredido ao mesmo tempo nos costumes, conquistando seu lugar de capital naropa.

Não já longe os ressaibos da «boa trágica» de Albino Forde Sampaio e do «Sem redol» de Abel Botelho, que am de duas ou três décadas enas. Da pacatez provinciana, do alhá com grêlos e do carção barulhento e maleriado, suscitou uma cidade amáde sorridente e bem disposta, surgiram os restaurantes, os «bars», os «dancings» recantos confortáveis e sigal-ciosos, à maneira das cidafoaqui do Norte, onde o caviar e o Vogalaky têm a primazia.

Os frequentadores destes lues, de que o «Wonder Bar» Casino do Estoril é como um dos pontos de atracão, não merecem porventura a ignação de «forçats du choira» de que usou, salvo erro, Bourget na sua já antiga ainda interessante «Fisio-na do amor moderno». Movem-se ali brandamente com de abafados ritmos exôdas, as madamas de faces esadadas e corpos ondeantes... Passada uma noite no Casl-encontram-onos, depois ás

quatro, no «English Bar» do Monte-Estori, quando um dos companheiros clama por um taxi porque vai passar o último combóio. Num relance encontramos na estação, no último momento. Já não há lugares sentados nem quasi de pé. A custo penetramos na plataforma da frente do «combóio dos batoteiros» (honni solt...) ou mais propriamente dos moinas, dos retardatários, dos tresnoitados. É um combóio em serviço semi-particular, que não mencionam os horários da Companhia.

Conclue na pág. 3

Gazetilha

*Eis o Sumatra, outra vez,
qual a fenix renascida,
a fabricar de vencida,
esta «peça» de entremez,
em verso bem «protoquês».
Só lhe falta o arrebol,
o encanto, a luz dum «sol»,
para imitar a primor
do coreto o tal cantor,
o cêebre «rouxinol»...*

SUMATRA DE LEMOS

Dr. Tavares Machado

Encontra-se em Nisa o Ex.^{mo} Sr. Doutor Tavares Machado, Meretíssimo Juiz de Direito da Comarca de Vila Viçosa, a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

ESTE NÚMERO DO «CORREIO DE NISA» FOI VISADO PELO CENSOR DO DISTRITO.

António José d'Almeida

«Uma vida só se enobrece pela luta
e só se immortaliza pelo sacrifício».

VARGAS VILAS

Há 16 anos, num poente trágico, monótono e feio, o povo português chorou a morte dum Homem. É que esse homem, por sua bondade, por sua firmeza de princípios, por seu ardor revolucionário, foi o símbolo dum Ideal durante uma vida intelra, uma vida consagrada à emancipação humana, uma

vida que teve a pureza das coisas intocadas e a beleza das ofertas generosas à Pátria e ao Povo.

Os destinos do povo estiveram sempre presentes no seu espírito luminoso e inquieto, suspensos da sua palavra messiânica e acusadora candentes na visão anárquica dos seus olhos de poeta a contemplar o futuro.

E na aventura romântica e tumultuosa dos tempos de estudante, na agitação dos comícios revolucionários, no silêncio dos cárceres, no apostolado nas terras escaldantes de S. Tomé, nos ataques vigorosos à monarquia e na defesa vibrante da liberdade na tribuna do Parlamento ou no tablado das praças públicas, na Presidência da República, na mensagem fraternal à terra brasileira, esse homem nunca abdicou da sua origem popular, nem se esqueceu da gente humilde que lhe confiou os seus sofrimentos, as suas esperanças, os seus dramas. Por isso o Povo o elevou aos domínios nebulosos da lenda, muito antes da sua personalidade se impor nas galerias da História. Chama-se António José d'Almeida.

Já em Vale da Vinha — uma pequenina aldeia do concelho de Penacova, onde nascera em 1866 — as ideias republicanas o começaram a prender, embora só as manifeste abertamente após a sua ida para a Escola Médica de Coimbra.

Conclue na página 2

APÓSTROFE À MORTE

E' lei suprema da minha existência
apenas um desejo: VIVER

Oh Morte hedionda, cruel, fria, que na fúria destruidora tudo transformas—os sentimentos mais pèrfidos, na virtude do asceta; a alegria sã e duradoura, no inferno da vida que nos arrasta qual vagabundo pela senda tenebrosa da loucura e da desolação—por tua culpa, fera e bruta, além, chora uma mãe em gritos dolentes, que cortam o silêncio sepulcral do cemitério e nos causticam por gélida sensação, e filho perdido em plena maturidade de sentimentos e vida; acolá uma outra, ainda jovem, solta lamentos, que dilaceram a alma e o coração, pela perda irremediável do pequenino ente que era tóda a sua razão de ser, a chama suprema da sua existência. Agora sem ela o que será? A descrença para sempre, numa vida plena de escuridão, sem que jamais um raio de luz se refracte nos abrolhos da sua desdita.

Oh Morte, como és cruel e deshumana!

Aqui junto a mim uma filha chora, bem sentida, a morte do pai querido, gerador da sua existência, que viveu por ela e por ela, quem sabe (?), morreria também. Ele lhe guiara os primeiros passos da sua meninice, a embalara no carinho paternal do seu sentir; talvez que em sua vida nem sempre desafogada, no meio dos seus espinhos, se sacrificasse até ao último alento pelo bem-estar de sua filha para que nunca nos seus olhos queridos, fonte de luz do seu viver, uma lágrima sulcasse de dor e penar.

Oh Morte, para que fazes tanto mal?

A tua foice roçadoura a vida arranca sem olhar a posições nem a qualidades; todos rolam no mesmo pó miserável donde nasceram. Arranca-nos a Vida, do oivido, para o agradável sentimento de prazer e alegria, para que tu, sem respeito por ela, nos lances no nada, no barro imundo e desprezível que to-

Conclue na página 2

O nosso colaborador Baptista Rosa, responde á Nota da Presidência da Câmara, a-proósito da Banda Musical!

Antes de tudo, antes mesmo de ter escrito o meu artigo «E a Música?» publicado no n.º 13 deste jornal, eu devia ter revelado que o que escrevi foi a satisfação a um pedido de vários músicos.

Mas, mesmo que o não tivesse sido, tê-lo-ia escrito porque achava de justiça reclamar o que se impunha até que fôsse providenciado sem reclamações.

Assente-se, portanto, que exteriorizei idéias minhas, coagidas por vontades alheias, para tornar de maior interesse esta questão.

E, pôsto isto, entremos a comentar a Nota da Presidência da Câmara, escrita para rectificar as minhas linhas.

Defende-se a Câmara da cota parte de culpas que consciencientemente lhe atribui na triste inexistência da Banda Musical!

E, expressamente, declara que «não deixou de subsidiá-la com a quantia relativamente avultada de 4.800\$00, não se poupando a esforços para reorganizá-la repetidas vezes.»

A todos os titulos notável esta protecção a um património artístico que a Nisa ofereceu tão valiosas honras! Esqueceu-se, porém, a Câmara, ou quem por ela nos rectifica, de informar em que espaço de tempo dispendeu aquela quantia «relativamente avultada».

Num ano, 4.800\$00 é auxílio quasi precioso, em mais que isso é «esmola» que nada, ou pouco mais que nada, pode resolver.

Quanto à reorganização frequente a que se votou com tanta (Conclui na pág. 2)

Padre Baltazar de Carvalho

Acompanhado de seu cunhado, Sr. António Maria Alberto, teve a gentileza de nos apresentar cumprimentos de despedida o Reverendo Padre Baltazar Diniz de Carvalho que após um mês de férias, passado entre nós, regressa ao seu priorado de Caparica, sempre Romeiro da Verdade e da Justiça.

Muito gratos pela gentileza.

MULTOS NISENSES

FIGURAS CONTEMPORANEAS

Cónego Manuel da Cruz Carôlo

elo que fica exposto, comende-se perfeitamente a rapor que ainda há pouco, em o último, se festejaram entusiasmo, entre todos os ilcos estremocenses, as bodas de prata do Cónego Manuel Carôlo como pároco da freza de Santo André e Vigãda Vara do distrito eclesiás-de Estremoz. Compreende-júbilo das almas sinceras, interessadas, que sabem voluntar para tudo o que é justo, tudo o que é belo e nobre, por isso nesse dia vibraram, sonas, em congratulação o seu mentor espiritual na sua cidade onde ainda hoje ce perpassar o espirito sazejo da Rainha Santa que viveu algum tempo e ali reu,—tão notável é a obra aridade que em Estremoz envolveu sob o influxo

criador do pároco de Santo André.

E compreende-se também o enternecimento com que a grande figura de Bispo que é o Venerando Metropolita eborense quiz associar-se àquele júbilo dos católicos de Estremoz, elevando às honras do Canoncato o Reverendo Presbítero Manuel da Cruz Carôlo por sua provisão de 29 de Setembro último. Neste documento se acentua expressamente tal propósito, o qual, se muito honra e beneficiado, não menos nobilita o Prelado ilustre que sabe reconhecer e pôr em relêvo, na hora própria, os méritos e o bons serviços dos seus operários, das seus ajudas na pastoreação do rebanho de Cristo.

Nomeado Cónego Honorário da Basilica Metropolitana da Conclue na pág. 2

ANTOLOGIA

O Infante

por FERNANDO PESSOA

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a terra fôsse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,

E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até o fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou creou-te português.
Do mar e nós em ti nos deu sinal.
Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

Tribuna livre

(Conclusão)

Vae-se como sardinha em lata, em correria até Lisboa. Há de tudo, misturadas as nacionalidades, desde a alta até à média e semi-média sociedade... elegante, Tudo parece conhecer-se dentro da mesma afinidade de espírito e na comunicabilidade da noite que acaba. A trépidação acônchega os corpos. Uma madama já entrada, mas que ainda não abdicou, um crisantemo rubro como os seus lábios na lapela dum impecável «tailleur» branco, diz-nos, ao ser atirada mais contra nós por um solavanco: «Você tem lume? Vou com um destes ataques de asma!» A primeira baforada cheira a figueira do inferno (salvo seja). Coitada da senhora! E o comboio eléctrico continua a sacudir-nos, a correr e ulular na noite, como um fantasma, entre duas filas intermináveis de reverberos. Através das vidraças da carruagem, lá ficam para traz as estaçõesinhas de bonecas, tão bem iluminadas: Caxias, Cruz Quebrada, Algés...

As raparigas papagueiam. Outras, um tanto cabis-baixas, vêm «têsas», segundo o calão consagrado, depois de terem perdido mais uma vez as esperanças duma viagem, dum casaco de pelss ou duma joia, que fundavam nas centenas, quem sabe se milhares de estudos que deixaram nas mãos da rolêta ou da banca francesa.

Gente reproável esta? Não. Gente amável e humana sem pensar nisso, mais do que aqueles que, pretendendo servir de modelos, se dão por exemplo dos bons e vão vendendo hipocritamente gato por lebre.

As dezenas e dezenas de taxis que no Caes do Sodré esperam esta rodada dos primeiros alvôres da madrugada, escoram fugitivamente pela cidade adormecida, a leva que procura algumas horas de repouso. No dia seguinte, nos gabinetes de direcção, nos consultórios, nos ateliêres e nos salões de chá, confundem-se com a população citadina, até que o destino volte a reuni-la... o que não tardará muito!

X.

Apóstrofe à morte

(conclusão)

dos, simples mortais, somos feitos.

É esta vida um rosário de amarguras, balsamizada pelo deleite de alguns momentos. Contudo é preferível a vida agreste, do que a paz compassiva e incognoscível da Morte.

Assim como a rosa provém do botão fresco da seiva e obedece ao seu ciclo evolutivo até à última fase, assim nós vivemos para espalharmos em redor as nossas pétalas quer de acre desgosto, quer de ridente esperança. A última pétala é o derradeiro prazer, fugaz ilusão duma vida melhor.

A Vós, mortos de todo o mundo, que partistes para o além, transpondo a penumbra da Vossa vida para a escuridão perpétua, deixastes no coração dos vivos a suprema ânsia da eterna saúde.

E Vós, oh mortos, que vos reduzis ao nada pela obra macabra da natureza, Tu, oh meu avô querido que jamais verci, perdoem por nós lá no céu, nessa imensidão contínua e intangível, os pecados daqueles que cá na Terra choram amarguradamente a Vossa perda para todo o sempre Perdoai se no pensamento fôrem esquecidos, mas tende confiança, a certeza plena de que no coração ficará erguido o sentir daqueles que vos amaram.

O sol morre no poente dardando sobre a terra, molhada de lágrimas, os últimos raios de luz, fonte de calor e vida para nós e que para Vós nada mais significa do que a última saúdação da mãe-natura no finalizar a sua faina quotidiana.

Oh Morte, não alcanças, não podes compreender a desolação que em volta lanças porque não atinges o bom ou o mal na tua rotineira marcha pelo caminho escabroso da indiferença.

Na Tua campa, meu Avô, venho desfolhar, nesta apóstrofe, as aveludadas pétalas da minha incomensurável saúde.

LUSITANO NOGUEIRA
CORREIA

ANUNCIEM NO «CORREIO DE NISA», QUE CIRCULA EM TODO O PAÍS.

Vultos Nisenses

(conclusão)

Arquidiocese de Évora por essa honrosíssima provisão, estamos certos de que o Reverendo Manuel Carôlo há de corresponder plenamente à dignidade do cargo e á confiança que inspirou tal nomeação.

Nem o Cônego Carôlo Iludiu jámais a esperança que nele depositaram os seus superiores, antes soube sempre exceder todas as expectativas.

A vila de Nisa recebeu com júbilo a honra de ver um dos filhos, que tem sabido sempre e em toda a parte prestigiá-la, elevado á dignidade de Cônego Honorário da Sé de Évora. É que, na terra-mãe, reflectem-se sempre as glórias e as honras conferidas aos seus filhos dilectos.

...E agora, como nota final, accentue-se que, se algumas vezes, nas pugnas do bom combate, o Cônego Carôlo teve de passar de pé por sobre os cadáveres, jámais sobre eles tripudiou. O amor da justiça e a defesa da verdade não são incompatíveis com o espirito de generosidade e com a prática da caridade cristã. Por isso, obedecendo ao preceito de Santo Agostinho que manda profligar os erros mas amar os homens, o Cônego Manuel Carôlo sabe, como esse grande lutador que foi o Bispo de Hipona, destruir e extirpar pela raiz os erros onde quer que eles se lhe deparem, mas, quando o adversário jaz por terra, cadáver, aniquilado nas suas falsas doutrinas, não tripudia sobre ele, não o espelma, antes o trata com a generosidade que o espirito do Cristianismo exige.

DIAS LOUÇÃO

RECTIFICAÇÃO: — Nos artigos publicados nos n.ºs 13, 14 do «Correio de Nisa», sob a epigrafe «Vultos Nisenses» saíram as seguintes gralhas tipográficas:

N.º 13 — «deu-se ensejo» em vez de «deu-lhe ensejo» — «Apostulado» em vez de «Apostolado» — «na catedral elevou-se» em vez de «na catedral cívica» — «ceteguese» em vez de «catequese» — «se dirigiu comovido», em vez de «se dirigiu, comovido» — «Com obras» em vez de «Como obras» — «Todas estas instalações» em vez de «Todas estas instituições» — «informados medularmente de espirito» — «Freguesia ao Santo André, da Estremoz» em vez de «Freguesia de Santo André, de Estremoz» — «a obtenção pouco depois» — em vez de «obtenção pouco depois» — «em campo e dias depois», em vez de «em campo e, dias depois»;

N.º 14 — «purificou com a graça do Sacramento» em vez de «purificou da mancha original com água bestral do baptismo milhares, de crianças e santificou com a graça do Sacramento»; e por diversas vezes «em vez de «e por diversas vezes» — «arrasta o desvairo» em vez de «arrosta o desvairo».

Na Apostila publicada no n.º 13, do mesmo jornal vem na undécima linha «1887» em vez de «1897».

D. L.

António José d'Almeida

(Conclusão da 1.ª página)

E nas praças dessa cidade altamente tradicionalista, nas ruas ainda adormecidas pela canção gemebunda da última serenata, das aulas onde os mestres representavam o canto do cisne duma idea em agonia, no seio duma academia oscilante entre a praxe e o ódio ao putrica, nas páginas dos jornais liberais do tempo, fez-se ouvir o brado irreverente desrebelde. «Sou violento, por vezes, sou» — confessava êle.

O seu verbo quente fulminante como uma tempestade, suave como o marulhar das águas do rio amoroso, realizava esse milagre psicológico de elevação das massas, quer golpeando o adversário, quer reivindicando um direito, quer murmurando uma oração à Pátria.

A sua rebeldia atinge o desassombro quando desafia a opinião monárquica, atirando para a luz da publicidade o artigo «Bragança o Último», onde condena a vergonha do Ultimatum e dá uma profunda estocada num regime borolento que se arrastava trágicamente nos seus últimos dias.

Perante aquele atentado contra Portugal, só êle, dentro da academia, teve a coragem de se insurgir, em nome do seu incomensurável patriotismo a sangrar por tamanho insulto, foi a voz isolada que gritou pela liberdade, á qual se juntaram outras vozes, que mais tarde implantariam a República.

É condenado a três meses de prisão. Mas por entre as grades, êle soube exclamar, climpico na sua responsabilidade, longe de fraquezas, pleno de altivez e de nobreza: «Hoje estou aqui, porque me bati francamente e lealmente pelas minhas ideas. Amanhã voltarei para cá, porque amanhã, como sempre, serei o mesmo soldado das mesmas fileiras».

E o país começa a decorar-lhe o nome rubro, como depois o há-de aplaudir em unísono nos grandes momentos e como lhe dirá, colectivamente, adeus na derradeira caminhada.

O 31 de Janeiro de 1891 é a primeira afirmação — afirmação malograda — da República Portuguesa e é também o despertar do sonho lindo que acalentou a mocidade de António José d'Almeida.

Essa data marca na história da República e no romance de seu caudilho da Liberdade um passo decisivo: a existência de homens livres que querem um lugar ao sol fora duma monarquia arruinada; é a primeira attitude conscientemente revolucionária dêsse estudante de Coimbra. É o rebelde que surge na pujança do seu temperamento combatiivo, é o poeta a rasgar o ventre do seu sonho, é o grande vencido a conhecer pela primeira vez na vida o trvo da hora trágica da derrota.

E mais tarde, ainda em plena monarquia, a sua voz eloquente, magnética, retumba no

Parlamento, protestando contra a expulsão de dois co-nheiros de luta, Afonso Costa e Alexandre Braga: «Soldado com a minha voz e as vobaionetes vamos fazer uma tria nova».

E na manhã gloriosa de 5 de Outubro de 1910, estava na Rotunda, para comovidamente a «Portugal» para arguer nas suas mãos vovos a República nascente.

Depois, pela vontade do povo, democraticamente, sua Presidência da República.

Mas em 31 de Outubro de 1929, emudeceu para sempre essa voz. E fez-se noite, noite negra, a esperar derradamente uma aurora...

Uma preocupação encheu sua vida: ser um cidadão numa comunidade livre, e chorou-o sentidamente.

E chorou-o ainda, Sentidamente.

CARLOS C. BEZERRA

BANDA MUSIC

(Continuação)

to zelo, terá ela sido por parte, agora que mais um se necessita dela?

Esta dúvida confrangosa nos levou, principalmente, traçar o nosso apêlo. A no que estava feito, fiz para que se adoptassem cessos novos.

Através da nota da Presidência observa-se uma preocupação afiitiva de atribuir a culpas a culpa da situação apavorante em que nos encontramos, quando, observamos com imparcialidade as responsabilidades cabem ta gente.

Todos os músicos (ab excepção a dois ou três entusiastas que, aliás, contram sempre em toda te) lutariam pelo brio da Banda se, com maior alca mais de perto, lhes fôsse butados auxilio e carinho valioso. Um concerto por três ou quatro compassos datas festivas não bastam incutir entusiasmo. Ely mente, não estou aqui a der o principio inadmissível que se toque só porque tocar, esquecendo ensaio prestigio doutros tempos toque-se com um mínimo pensável de condições, n-se a quem paga que paga alguma coisa e, pouco a se voltará á forma perdida.

Sou um leigo nestes tos; mas não me falta para enfrentar estas situações aparentemente soluçõe

Conclue na pã

Máquina de Cost

«SINGER» — Venda completo estado de novo d'êlo secretária. Nesta se diz.

Anúncios—1500 cada linha, segundo o hómometro de corpo 8. Anúncios permanentes e especiais — contratos especiais. Número avulso—50. Números atrazados: 1500. A correspondência é dirigida ao Director.

Correio de Misa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

Assinatura, um ano—26500, continente: Colónias e Estrangeiro, com o acréscimo de portes. Não se restituem bilhetes quer sejam ou não utilizados. — Toda a colaboração para o jornal é solicitada.

Recordar é viver!

MISSA NOVA

JUNHO DE 1908.

No dia 29 celebrou a sua primeira missa o Sr. P. Baltazar Dinis de Carvalho.

Ao acto, que foi revestido de grande esplendor, concorreram grande número de amigos e conterrâneos do novo levita. A Igreja Matriz, onde se realizou o cerimonial religioso, foi lindamente decorada a colchas e buxo por uma comissão de rapazes amigos do P. Baltazar.

Prêgou ao Evangelho o reverendo Cônego Dinis Sampaio.

Em casa do jovem sacerdote foi servido, depois da cerimónia, um abundante copo de água: à tarde, jantar para os padrinhos e família e, à noite, uma lauta ceia para os seus numerosos amigos.

P. JOSÉ RIBEIRINHO

Transcrição da acta da sessão da Câmara em 22 do mesmo mês:

«Constando à Câmara que uma Comissão abriu uma subscricção para custear as despesas da trasladação dos restos mortais do saudoso professor P. José Ribeirinho para o novo cemitério, onde se projecta cobri-los com uma campa e condigno epitáfio, a Câmara, fazendo o merecido elogio das qualidades do benemérito professor, resolve oferecer gratuitamente o terreno no cemitério».

ALARGAMENTO DO ROSSIO

Em sessão de 20 de Julho a Câmara resolve pedir autorização ao Governador Civil para serem trasladadas para o cemitério novo as ossadas do antigo para que o recinto dêste seja destinado ao alargamento do Rossio.

CENTEIO EXÓTICO

Em sessão extraordinária de 30 de Julho, o administrador deu conhecimento à Câmara de um telegrama recebido do Governador Civil, perguntando qual a quantidade de centeio exótico necessária no concelho e quem se encarregará da sua

SENTIDO E VALOR

Tema do discurso proferido ao núcleo da M. P. do Colégio Condestável.

Pelo Prof. Eng. Perez Durão

RAPAZESI

Nestes curtos minutos que me são dados para vos falar da «Mocidade Portuguesa» que em Nisa parece querer renascer, coloco-vos perante esta verdade a que Salazar—o pensador e o estilista—deu esta forma tão singela:

«Estamos na terra, vivemos a vida e temos obrigação de lhe dar sentido e valor».

A «Mocidade Portuguesa», por ser um movimento de formação integral da juventude que procura dar à gente moça vigor físico, saúde moral e uma consciência cívica inspirada nos altos ideais de Deus e da Pátria; por ser seu fim criar o tipo do *perfeito português*; tornará o homem de amanhã capaz de dar à vida *sentido e valor*, por que é, acima de tudo, *alma*!

Só ançiosamente é uma organização e é-o para melhor conseguir o ideal proposto.

É um sistema de ideias, de princípios morais e cívicos, digamos melhor, um *estilo de vida*, tão diversa dessa vida da «apagada e vil tristeza» doutras gerações.

E Salazar também nos diz—na eloquência do seu esforço, do seu sacrifício, de erguer amorosamente cada vez mais alto este nosso Portugal, que a «negação, a indiferença e a dú-

distribuição e pagamento.

A Câmara respondeu que precisava de 5400 hectolitros e que ela se encarregava de distribuí-lo e pagá-lo.

Resolveu ainda ir requisitando o centeio conforme as necessidades o exigem e, para já, 1000 hectolitros.

vida não podem ser fonte de acção—e a vida é acção»!

Ora a «Mocidade Portuguesa» dá-vos uma *missão*, furta-vos à indiferença: dá-vos um *credo*—furta-vos à dúvida!

Esse *ideal*, essa *missão*, esse *credo*, podemos defini-los nestas quatro palavras: *Deus, Império, Autoridade e Justiça*.

Tomemos cada uma em seu sentido próprio.

Deus — fidelidade à mensagem do Senhor, ao Evangelho de Cristo: ser cristão na prática, na vida, viver com aquela Fé de que fomos, somos e haremos de ser sempre fiéis e missionários.

Império — por um Portugal maior, uno e indivisível, com grande espírito de Lusitanidade que é tradição que nos individualiza com superioridade entre todos os povos.

Autoridade — força nascida dum prestígio alicerçado numa ordem social de paz e harmonia, numa segurança mútua e num respeito de hierarquias justas que nunca são desigualdades criadas, mas naturais.

Justiça—que é imparcialidade na apreciação, culto da verdade, guerra ao arbitrio e ao capricho, isenção e consciência na acção.

E o douto Diogo de Teive, já a tão longa distância de nós no tempo, ainda nos ensina que «obedecer à Lei é de homem livre, e desobedecer-lhe é de mau servo».

Por tudo isto a «Mocidade Portuguesa» é *Alma* — sendo acção e vida!

«E como actua a «Mocidade Portuguesa»?

Cooperando com a Família, com a Escola e com a Igreja!

«E não vos diz a «Mocidade Portuguesa», no seu Decálogo que conheceis bem e eu agora vos lerei, o que deveis fazer para serdes um verdadeiro homem, orgulho da Pátria e seu digno servidor?»

Diz! E se assim fizerdes, sereis modelo do *perfeito português*!

E porque é assim a «Mocidade Portuguesa», nós lhe confiamos, com inteira segurança, a *vossa educação*.

Que da *instrução* tremos nós cuidando como melhor soubermo ou pudermos...

Incapaz — por educação de sólidos princípios morais e por disciplina natural — de deturpar a verdade—e vós já me conheceis não é assim?—queria, por palavras minhas, dar-vos o que estes meus cincoenta anos de vida me autorizavam a apreciar com justiça:—a vida portuguesa destes últi-

mos anos.

Essas palavras seriam pobres de estilo, de forma: só ricas de entusiasmo e confiança.

Em outro, porém, as encontrarei—são dum homem de acção dum novo, de António Câmara que dirige a nossa Estação Agronómica Nacional. Diz: «Os portugueses nestes últimos anos, têm presenciado tais actos que decerto notaram já que o País atravessa uma fase nova da História, em que põe deliberada e corajosamente de lado as ideias antigas da sua pequenez e começa a convencer-se de que nada lhe falta para ser grande, para pensar e agir com grandeza».

«Dir-se-ia que Portugal inteiro respira finalmente fundo e que, depois de encher a arca do peito, sentindo-se robusto como no seu período de esplendor, pergunta a si próprio porque razão não acordou mais cedo, porque deixou passar tanto tempo de sol radioso, em que podia ter vivido, sofrendo esse triste fadário de chorar a sua sorte ou de lastimar os seus destinos!»

Assiste-se por todo o País a uma verdadeira alvorada de confiança, como se de campanário em campanário se transmitissem as nossas esperanças nos ecos festivos dos sinos. Os corações vão-se alegrando com a era de grandeza que se principia a viver, e a todos vai tocando a mesma fé. Já se acredita que os últimos baluartes da incredulidade se hão de desmoronar por si próprios, sem intervenção de ninguém, apenas porque os olhos de todos acabarão por ver a grande obra executada».

E há-de ser assim pelos séculos—mas e melhor—se o quiserdes!

E haveis de querer! Digam comigo: Pátria! «E por nós serás erguida, Erguida ao alto da vida!»

Todos — como um só—e não somos demais:

—Por Portugal!

BANDA MUSICAL

(conclusão)

A culpa está em tudo o que se aponta, tanto no que escrevi como no que se lê na Nota da Câmara, mas, por amor de Deus, não percamos muito tempo a discutir culpas, porque assim é que não remediamos nem remediamos nada.

Uma Escola de Música? De acórdos! Mas enquanto não surgem os elementos novos, apro-

Língua Pátria

SEMANTOLOGIA

Pelo Dr. Carralho

«A *semantologia* ou *mântica*, que consiste no estudo do significado dos vocábulos através dos seus—está, em grande parte, por fazer-se— e julgo que não existe um de conjunto, a tal respeito».

Em tempos houve alvitrasse no grande — *Novidades*—que seria de bastante interesse útil o estudo da história das palavras, isto é, étimo, a introdução no so léxico, o significado sua origem e todas as diticações dele através dos tempos — numa palavra indicar-lhes, por assim dizer, a sua *verdade* de de.

E' certo que houve alvitre, mas julgo que hoje ninguém se avem a organizar um tra-dêsse género.

O ilustre e conhecido poliglota Dr. Artur (Frei Gil) há uns annos publicou a publicação um dicionário da língua muito diferentes todos quantos existem vinha preencher uma de lacuna na ciência gúistica—porque, seg informações fidedignas, não a ser bastante org—mas, infelizmente, não apareceu a publicação.

Para mostrar como tudo desta parte de *Gúica Histórica*, que de tempos por *Semantologia*, rioso e interessante, sento alguns exemplos lidos em diversas com o seu significado ginal e actual, de uma ma sucinta.

(CONTINUA)

veite-se o que há, que alguma coisa. Isto trará a vantagem de termos que coisa e de não deixarmos o que temos.

Resta-nos estranhar a rança que a própria Câmara, em vez de esperar ter a certeza de que ma coisa se fará.

Nós sim, é que espero que não se despreze o ma. E, oxalá, não espero em vão!...

São os nossos votos e aqueles que me pediram tilmente me agradeceram escrevi.

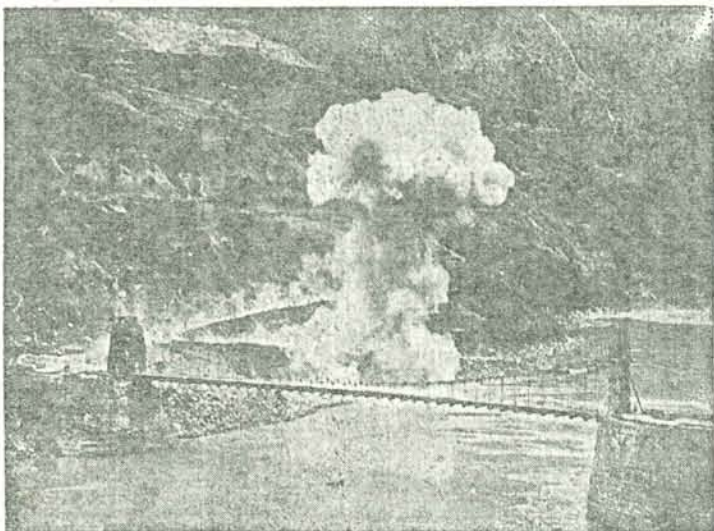
BAPTISTA

Quem Canta

De manhã canta o galo e à tarde a cotovia. Todos cantam, só eu choro toda a noite e todo o dia.

Anúnciem no «CORREIO DE

Aspectos da Guerra no Oriente



O insucesso dum ataque japonês à ponte de Hwei Tung, recentemente construída sobre o rio Salween, na região Sul da China